

O BANQUEIRO DOS POBRES

THE BANKER OF THE POOR

Karina Harumi Oshiro Teruya

Servidora Pública na Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD.
Mestranda em Desenvolvimento Local pela Universidade Católica Dom
Bosco – UCDB.

E-mail: karinateruya@hotmail.com

Soviana Foppa

Servidora Pública na Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD.
Mestranda em Desenvolvimento Local pela Universidade Católica Dom
Bosco – UCDB.

E-mail: foppa@hotmail.com

YUNUS, Muhammad. *O banqueiro dos pobres*. São Paulo: Ática, 2000.

Trata-se de um trabalho sobre a obra de Muhammad Yunus, que nasceu na aldeia de Bathua, em Chittagong, Bangladesh, em 28 de junho de 1940. Economista, formado pela Universidade de Daca, em 1961, e em 1970 após cursar o doutorado nos EUA, obteve o título de PhD. Relata em sua obra “O banqueiro dos pobres”, a experiência do micro crédito como forma de combater a pobreza em Bangladesh e acelerar o desenvolvimento econômico e social do país.

Bangladesh é um dos países mais pobres do planeta onde a pobreza estrutural e a subnutrição castigam a população. Pelos menos 40% da população sofrem por não satisfazer as necessidades mínimas. O analfabetismo atinge 90% da população. A densidade populacional é de 830 habitantes por km², onde uma enorme quantidade de homens e mulheres vive nas ruas sem água, comida e teto para se abrigar. Bangladesh é um pequeno e populoso país, do subcontinente indiano, que ficou independente do Paquistão em 1971, que havia sido desmembrado da Índia em 1947.

Ao observar os meios de sobrevivência na comunidade próxima da universidade de Chittangong, onde lecionava, o professor Yunus percebeu que a realidade do país não refletia as teorias econômicas

que ele ensinava e desta forma resolveu estudar como essas teorias teriam aplicabilidade naquela comunidade, propondo aos alunos uma pesquisa na pequena aldeia de Jobra, para conhecer a realidade da população.

Iniciado os estudos, verificou-se que a população da região vivia em extrema dependência de agiotas, pois não possuíam capital de giro para comprar materiais e os bancos comerciais não emprestavam dinheiro aos pobres, pela falta de garantia de pagamento e por não possuir o mínimo de instrução para chegar ao banco e preencher os papéis necessários para aquisição de recursos. O juro cobrado pelos agiotas era altíssimo e o lucro era mínimo, sequer permitindo a alimentação da família.

Yunus discordou desse conceito, e por não conseguir uma instituição que fornecesse os empréstimos as pessoas de Jobra, o próprio emprestou a quantia de 27 dólares a 42 pessoas. Mesmo sem a intenção de se tornar um credor, Yunus cria o Banco Grameen, onde seu maior objetivo é acabar com o flagelo da pobreza.

O sistema de empréstimo foi construído aos poucos, com erros e adaptações as situações. Destaca-se nele a desburocratização e a acessibilidade, pois os funcionários do Banco Grameen iam até os vilarejos e reuniam-se com os membros dessa comunidade, realizando as transações no próprio local, através de anotações em cadernos. Não era necessário que eles fossem a sede para realizar os empréstimos, assim como não precisavam ir até lá para pagá-los.

Apesar de não ser um banco exclusivo ao publico feminino, a grande maioria dos beneficiados são as mulheres. Parece algo pouco provável em um país predominantemente islâmico, mas Yunus via no banco uma oportunidade para os mais desfavorecidos da sociedade. Ser pobre em Bangladesh é muito difícil e ser mulher e pobre é pior ainda. Deste modo, Yunus percebe que as mulheres que recebem uma oportunidade se mostram mais comprometidas e repassam os benefícios para toda a família, principalmente para seus filhos, destinando boa parte de seus ganhos para o estudo e a qualificação dos mesmos.

Os desafios enfrentados versam também nas questões culturais e religiosas. O clero conservador divulgava falsas e fantasiosas acusações sobre o Grameen, como a conversão dos membros do banco ao cristianismo, a ligação com a rede de trafico de mulheres, ou até mesmo que iriam roubar sua casa e seus bens. Algumas pessoas eram convencidas com esse discurso, se sentiam intimidadas com o risco

que corria ao aceitar um empréstimo nestas condições do banco Grameen. Mas quando uma pessoa encontra-se em uma situação em que as opções são morrer de fome ou pegar um empréstimo, mesmo com medo elas preferem ouvir o que dizem os funcionários do banco e percebem que os rumores não correspondem a verdade.

Surge desta forma, um banco diferente dos demais, que tem como objetivo atender aqueles recusados por bancos convencionais. Com grande propósito humanista para a superação da situação de extrema pobreza, transformando pessoas quem viviam em extrema pobreza em agentes autônomos e capazes de produzirem.

Há programas de crédito do tipo Grameen em 58 países, pois os pobres são pobres em qualquer parte, e necessitam de oportunidades, apesar das peculiaridades de cada situação. O professor Yunus via no microcrédito uma forma de liberdade, pois a população poderia produzir e vender seus produtos sem depender de agiotas, obtendo um retorno maior do que até então ganhavam.

O livro teve a sua primeira publicação em Paris, em 1997, com o nome *Vers um Monde sans Pauvreté*. Em 2006 o livro teve sua versão em português, recebendo o título “O banqueiro dos Pobres”. Foi publicado no Brasil pela editora Ática.